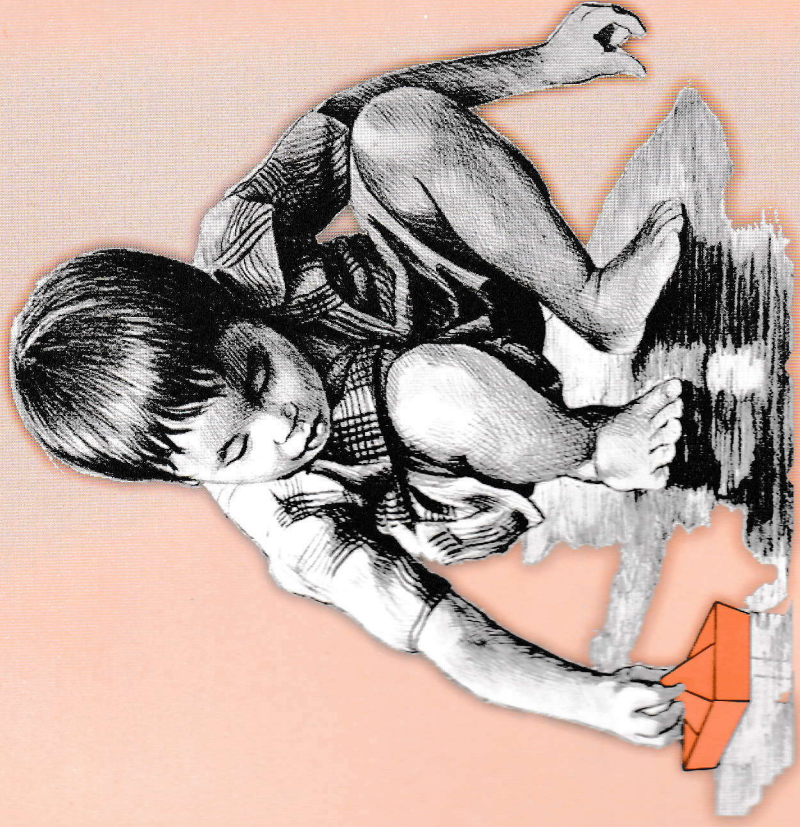
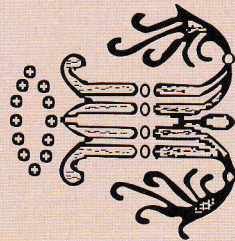


UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A PASTORAL DO MENOR



Apoio:

PROVÍNCIA MARISTA DE SANTA CATARINA
SEDE PROVINCIAL
Rua Madalena Barbi, 204 - Caixa Postal 3031
Fone: (048) 223-1222 - Fax: (048) 222-2014
88015-190 - Florianópolis - SC
e-mail: gabpro@marista-uce.com.br



*Uma Proposta Metodológica
para a
Pastoral do Menor*



SECRETARIADO NACIONAL
Rua Dr. Montauray, 766
Caixa Postal 689
Caxias do Sul - RS
95001-970
Fone/Fax: (054) 223-1527



Começando

Já estamos há mais de 13 anos numa corajosa aventura de preparar esta sociedade para um tempo em que não haverá toda essa violência contra os pequenos. Somos sonhadores, mas não vivemos na lua. Nosso fazer educativo é de uma utopia muito concreta, uma utopia da corporeidade, um desejo enorme de que haja pão, moradia, saúde, escola, apoio familiar e comunitário, respeito no trabalho...

De nossa luta solidária com os pequenos empobrecidos já nascem muitos instrumentos de defesa, promoção e reconhecimento da dignidade da criança. Há práticas educativas de valor e já é bem mais difícil achar pessoas que publicamente aceitem o desrespeito e exploração das meninas e meninos. Estamos conscientes de que não foram as elites ou os especialistas que criaram as condições necessárias para as mudanças de mentalidade, de leis, de práticas institucionais. Houve, sim, uma contribuição significativa de grande número de pessoas maravilhosas de destaque na educação, na política, na universidade.

Mas quem olhou de longe não quis ver e nem sentiu com o coração a ternura, o vigor e o impacto da presença cotidiana de educadoras e educadores na vida sofrida dos pequenos empobrecidos.

Em liberdade solidária, em comunhão fraterna, em articulação pastoral, um mutirão de educadores e educadoras iniciou uma aventura relacional com meninas e meninos deste país-Brasil, que teima em prosseguir vibrante e corajosa. Apesar de ainda muitas práticas contrárias e de uma estrutura político-econômica às avessas, nosso povo é maravilhoso e continua encontrando formas de amar suas crianças e oferecer-lhes pão e bênção.

E o Deus da Vida pulsa nesta luta que se faz em esperança solidária.

Texto:
Salvador A. Coelho

Ilustrações:
Ir. Maria Crismanda Saraiva de Oliveira

Produção:
Pastoral do Menor - Sul 1

Editoração Eletrônica:
Wilson Roberto Vieira Ferreira

O Caminho Educativo da Pastoral do Menor

Uma espiritualidade na concretude da vida

Educadoras, educadores, agentes da Pastoral do Menor são todas aquelas pessoas que assumem o caminho da relação permanente e amorosa com os filhos de Deus ainda pequenos, da defesa de suas vidas tão ameaçadas, da luta pelo reconhecimento de sua dignidade tão desrespeitada, da promoção do seu crescimento tão embotado, da valorização de sua palavra denunciadora das injustiças. Este caminho é construir de uma humanidade aberta ao outro, amadurecida na superação da violência, da opressão, do abandono, da dominação.

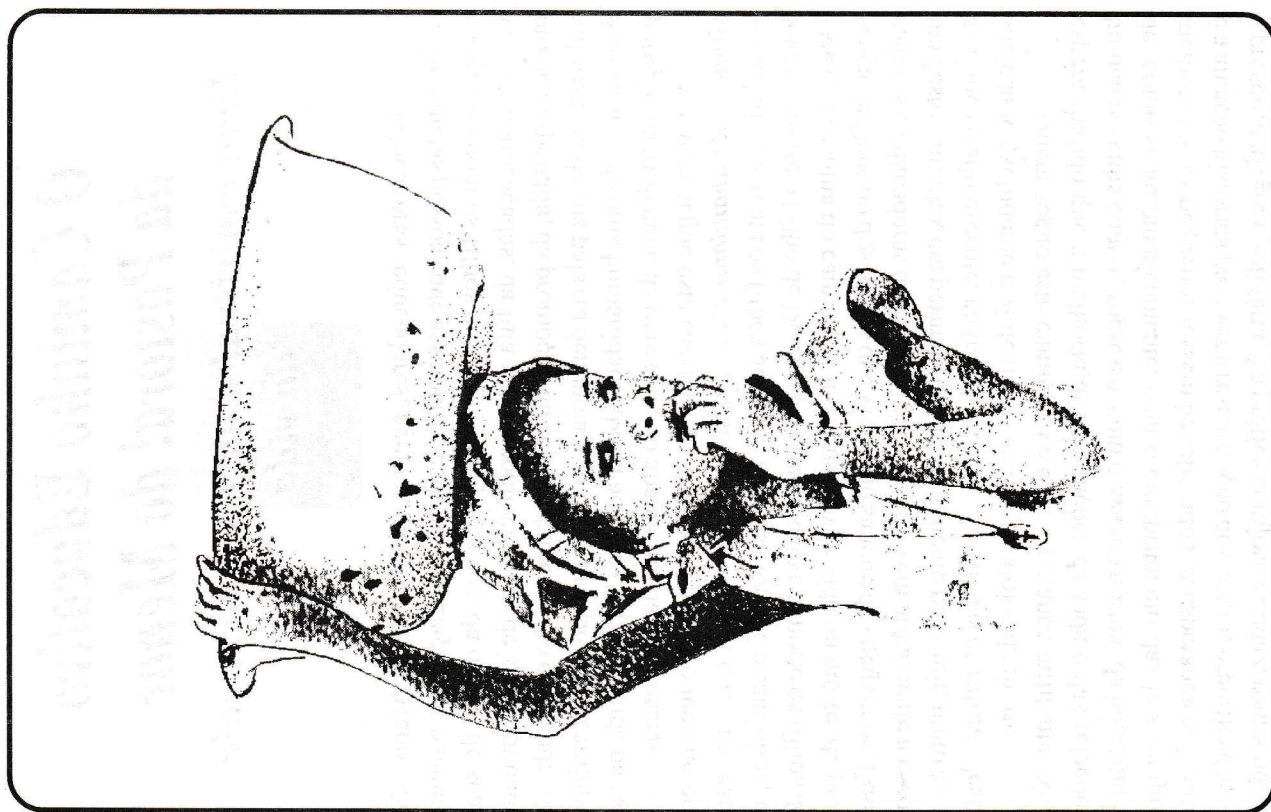
Quem segue este caminho percebe a menina e o menino em **situação de abandono** como um sinal do pecado em que vive esta sociedade que mata os filhos de Deus. Pecado mortal é o caminho que levou à morte o Filho de Deus, e é o que hoje leva à morte os filhos de Deus. A escolha do caminho é uma questão de vida ou morte, de presença de Deus ou dos ídolos que vivem do sangue dos pequenos. Educadoras e educadores da Pastoral do Menor vivem ativamente a escolha deste caminho, em permanente discernimento para agir, junto com a criança e adolescente, na transformação radical das estruturas desta sociedade excludente e violenta, vencendo os ídolos da morte.

Quem segue este caminho vive de esperança militante. Não espera iludido que a melhoria das condições de vida e das relações humanas venha com o progresso, com o avanço normal da humanidade, como se automaticamente, com o cumprimento das leis sempre melhoradas, os pequenos fossem beneficiados. A esperança militante é a atuação histórica para ver a ressurreição dos corpos crucificados, é a presença alegre e solidária, é a prática corajosa e audaz, rompendo o

círculo da violência, esperando ativamente uma nova ordem econômica, política, social, cultural, da qual participemos todos, crianças, jovens, adultos, idosos, como construtores.

Quem segue este caminho de garantia do reconhecimento da dignidade dos pequenos, do restabelecimento das condições de vida, com a satisfação de suas necessidades e seus gozos, vive uma espiritualidade muito profunda e concreta. Educadoras e educadores, assim, vivem segundo o Espírito, com os frutos da liberdade, do amor e da vida plena. É o caminho inverso dos que vivem segundo a carne, com a amarração da lei e as conseqüências do pecado e da morte. É o caminho inverso dos que, querendo salvar a alma dos seres humanos, sustentam uma sociedade que destrói a concretude da corporeidade e o fazem em nome de um deus cômodo que está do lado de quem vai bem.

A mística da Pastoral do Menor é uma espiritualidade corporal, encarnada, comprometida com a vida concreta dos filhos de Deus, vida que é pão e bênção.

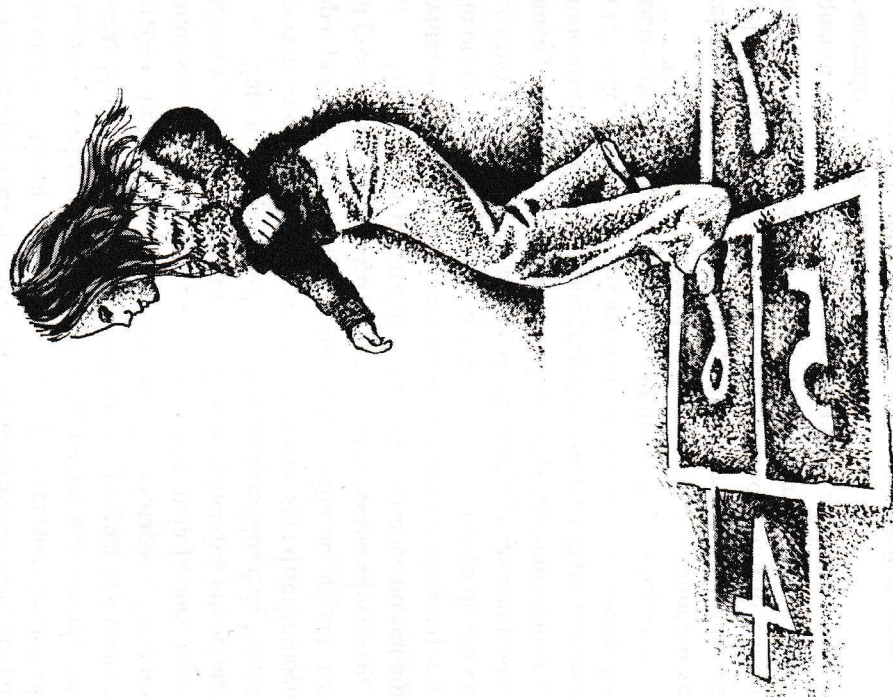


Opção metodológica: estar presente

A presença de educadoras e educadores no mundo de meninas e meninos, no seu cotidiano, na diversidade dos desafios que enfrentam, na variedade das situações vividas, é condição de possibilidade para restabelecer a vida em meio à morte. Será a rua o melhor lugar educativo? Será a favela o melhor local pedagógico? Será o cortiço o melhor ambiente educacional? Será a ocupação de terrenos para moradia o melhor espaço para educar? A presença educativa em tais situações poderá não caber nos critérios de avaliação dos especialistas de uma sociedade que idealiza as situações, deixa de lado o cotidiano e vive de aparências.

Estar presente, lá onde a vida é negada, é uma fato educativo de valor inestimável, pois reconhece a dignidade dos pequenos e educa a sociedade para que deixe de lado preconceitos e mentiras e promova a vida.

Estar presente não é apenas cumprir horários em determinados espaços geográficos e fazer belos relatórios. Educadoras e educadoras penetram na realidade complexa em que meninas e meninos estão inseridos. Penetram no mundo do trabalho, por vezes escravo, com salários, condições e horários injustos. Penetram na realidade das drogas, com aliciamento, ameaças e riscos quanto à saúde. Penetram na secular discriminação racial que oprime, explora e humilha o povo negro e seus filhos. Penetram na sociedade patriarcal e machista,



com a indústria do sexo e as armadilhas que submetem a menina e a tornam objeto consumível e descartável.

Onde está a criança, ali estará o coração do educador, da educadora. A criança e o adolescente empobrecidos têm todo um universo cultural, uma rede de relações, um imaginário, uma dinâmica de sobrevivência física, psíquica, afetiva, que precisam ser descobertos. Educadores e educadoras estarão, pois, atentos à gravidade das experiências inscritas no corpo dos pequenos, que guarda a memória das rejeições, das ameaças, dos estupros, das violações. De outro lado estarão sensíveis às estratégias de sobrevivência já encontradas por meninas e meninos, antes mesmo da ação educativa intencional.

Para a criança e adolescente empobrecidos é de fundamental importância encontrar pessoas que os amem, sem discriminação pela roupa, pelo lugar em que moram, pela família de origem. Começar com preconceitos é estragar de início um processo educativo.

Uma atitude de profundo respeito à criança no seu ambiente de vida, ainda que ali esteja uma amostra do absurdo em que a sociedade obrigou seres humanos a viverem, é o começo de um caminho educativo fecundo. Uma atitude de valorização das conquistas que a criança já fez em meio a uma realidade de permanente ameaça, é uma atitude inversa a daqueles que prepotentemente olham a criança como um feixe de carências a serem preenchidas com as riquezas humanas e sociais de que pretensamente os adultos estariam repletos.

O educador e a educadora da Pastoral do Menor atrevem-se a receber a apreensão da sociedade, por andar com gente não recomendável, por frequentar locais "impróprios". Ao contrário, educadoras e educadores experimentam sua opção de estar presente no mundo dos pequenos empobrecidos como um chamado a "tirar as sandálias por ser sagrado o lugar em que pisam".

A presença educativa entre os que são rejeitados torna-se uma acusação à sociedade pela forma injusta como as relações estão estabelecidas. O grito dos pequenos - "nós queremos viver, nascemos para a vida, por que morrer tão cedo? - ecoa com a presença de educadores e educadoras que não deixam calar a voz dos profetas que denunciam o sofrimento e as mortes antes do tempo como violência ina-

ceitável. E, de outro lado, a presença de agentes de Pastoral na trama da vida de meninas e meninos violados, é um apelo para que a sociedade transforme-se profundamente, para que sejam arrancadas as raízes da violência presentes no modo de pensar e agir de muitos adultos, presentes nos Meios de Comunicação, no modelo de vivência política autoritária, nas estruturas econômicas excludentes.

O fato de fazer com que a pessoa humana esteja em primeiro plano, de acolher sem querer simplesmente reintegrar, recuperar, reformar, ressocializar, sem calar o grito de denúncia dos pequenos, coloca a ação educativa a serviço da transformação radical da sociedade. O fato de colocar a menina e o menino em primeiro lugar, como critério de julgamento, abala qualquer sistema, qualquer estrutura social que queira ser mais sagrada do que a vida humana.

Educadoras e educadores da Pastoral do Menor têm clareza de que sua ação humana provoca um tríplice impacto: nos meninos e meninas que, sentindo-se valorizados, avançam no seu desenvolvimento; no educador e educadora que crescem em estatura e dignidade como seres humanos e como filhos de Deus; na sociedade que é convocada a abrir-se diante do outro e conceber suas estruturas sociais como instrumentos provisórios e modificáveis em vista da garantia das condições fundamentais de vida para as maiorias.

Metodologia do Diálogo: uma vivência que transforma

Educadores e educadoras da Pastoral do Menor iniciam o processo educativo afirmando com sua prática: "eles são nossos filhos, eles são nossos irmãos, eles são nossos companheiros de aventura neste mundo". Esta opção escolhida é o caminho da busca de proximidade, de com-paixão, de sentir com o outro alegrias e tristezas, de com-partilhar, numa aventura relacional, onde até mesmo a saudade na ausência e na distância contam. Meninos e meninas escutarão uma mensagem permanente, por vezes não pronunciada verbalmente, mas efetivas: "vocês são muito importantes".

O caminho dos educadores e educadoras é feito de muitas paradas para ouvir a menina e o menino com atenção, ora pessoalmente e ora em grupo.

O diálogo é a chave. Ouvir e falar com os pequenos é bem diferente de falar com eles. Falar-lhes simplesmente, é muitas vezes uma forma de não ouvi-los, e ter a primeira, a última, a única palavra. Falar com ele implica colocar-se sem prepotência, disposto a descobrir, a se arriscar.

Quando os pequenos têm sua palavra e ela ganha um sentido no acontecimento educativo, há um avanço importante na qualidade do processo. Experimenta-se uma forma de viver na sociedade, muito diferente das relações de competição que marcam também relações chamadas educativas.

Quem não ouve a criança, o adolescente, tem poucas saídas, pois apostará na domesticação condenando toda a rebeldia. Nesta perspectiva, a defesa, nem sempre consciente, da lei como critério de efi-



cácia do processo educativo, produz um clima de competição entre educadores/as e meninos/as. E há educadores que se vangloriam de sempre ganhar no “braço de ferro”. A aparente submissão momentânea pode esconder conflitos não trabalhados que põem a perder a ação educativa.

A aventura relacional assume os conflitos e busca caminhos de solução no diálogo sempre retomado no momento propício. Educadores e educadoras, no enfrentamento dos conflitos, inventam jeitos em que o garoto e o grupo permanecem com a certeza de que são amados e que têm espaço para falar, discutir e buscar soluções. São fortes e duradouros os laços que se criam na vivência interpessoal e grupal dos conflitos, quando as saídas são construtivas e o diálogo permanece aberto.

A mudança de comportamento, a assimilação de valores humanos e cristãos, nesta sociedade que valoriza o individualismo, a ganância, a competição, a moda, a imitação, as leis dos interesses e das vantagens, só pode ser compreendida como um processo lento, a partir de dentro, como uma energia duradoura, como o plantio de uma árvore vigorosa ainda que de crescimento demorado. O desrespeito de que são vítimas as crianças desde a mais tenra idade tornam-se outro motivo para compreender a demora das transformações desejadas.

Assim, se escapam expressões de desesperança - “já fiz de tudo”, “não tem mais jeito” - é porque não se compreendeu que para Deus nada é impossível, para os filhos de Deus há sempre uma esperança, e para os educadores cristãos a ressurreição é sempre possível.

O agente de Pastoral do Menor é o *último a desistir*. Ele está lá, no dia seguinte, não só executando as tarefas que lhe competem, mas alinhavando a trama do tecido educativo que está sendo criado ao longo do tempo com relações humanas intensas.

Mesmo nas brigas e discussões entre as crianças e adolescentes, são eles próprios convocados a relatar o acontecido, analisar as razões e decidir os encaminhamentos. Decidir sozinho, sem diálogo, é empobrecer o processo educativo. Tomar os problemas dos outros e dar as soluções é também uma forma de dominação, embora funcione e dê aparência de que tudo vai bem.

O diálogo não é apenas uma forma de encaminhar conflitos de convivência internos ao programa educativo. Diálogo é uma forma de estar presente fazendo brotar a palavra onde a realidade está calando os seres humanos. Vejamos, a título de exemplo, a questão de gênero, a questão das relações quebradas entre homem e mulher nesta sociedade.

Uma realidade especialmente grave é a situação das meninas, atingidas em sua dignidade cotidianamente numa sociedade masculinista que ambigüamente as cobiça e as descarta. É de inestimável urgência criar um ambiente de defesa das meninas diante da constante ameaça de desrespeito.

A linguagem dominadora e de abuso, que tende a aparentar normalidade, será objeto de análise crítica e de intervenção criadora de novas relações homem-mulher, mais ternas e igualitárias. A palavra tem o poder de transformar o que parece impossível. Meninas serão beneficiadas com o respeito daí decorrente e meninos viverão a dimensão da sexualidade de forma mais íntegra e completa.

A valorização do corpo, a beleza da sexualidade na construção do ser humano, precisam ganhar uma positividade contra toda a negação histórica do prazer, contra a mentira da sociedade que se apresenta como liberadora do sexo e na verdade é castradora da iniciação sadia e gradativa da sexualidade. Educadores e educadoras serão propositivos de diálogos, de ações lúdicas, de canções, de vídeos, de passeios, de festas, de dança, de teatro que garantam o avanço na construção do ser humano aberto ao amor.

Uma gravidez precoce é momento importante para o processo educativo. Trata-se de situação marcante na vida de uma menina, a exigir presenças mais intensas capazes de reverter o que tende a se tornar uma experiência dura de aborto ou de rejeição familiar. A ação educativo-solidária buscará alternativas para dilemas em geral negativos, entre o abandono da criança ou a perda do dinamismo adolescente e dos sonhos e projetos que estarão comprometidos.

Nas questões de gênero, como em tantos desafios humanos, o diálogo, a palavra que é suscitada e acolhida é sinal da seriedade do trabalho educativo. O educador e a educadora não se contentam com

as aparências, mas buscam relações de qualidade. Assim, crescem como seres humanos e contribuem com o avanço da consciência de dignidade que vai permeando o projeto educativo.

No diálogo, o trabalho dos educadores e educadoras ganha uma dimensão verdadeiramente coletiva. A luta pelos pequenos poderes, a rigidez das funções, precisam ser superadas pela parceria nos desafios, transparência nas competências e uma postura de abertura dialógica, dão leveza e energia ao projeto educativo.

As crianças, que não se relacionam com a instituição mas com um grupo concreto de pessoas, perceberão o vigor deste ambiente educativo, onde a relação verdadeiramente humana é vivida, e o diálogo é buscado com persistência.

Esta aventura relacional é tão importante que quando um grupo de educadores e educadoras amadurece nesta consciência, as energias pessoais se multiplicam e contagiam com uma mensagem nem sempre verbalizada: "a vida humana é mais do que buscar interesses egoístas, há uma grandeza de dignidade humana que pode ser buscada, há causas pelas quais vale a pena dar as mãos aos irmãos e dedicar a vida com intensidade".

A aventura relacional, quando não é apenas aparência de que tudo vai bem entre os educadores e educadoras e com as meninas e meninos, garante uma disposição constante de diálogo. Há vezes em que o diálogo tem que ser iniciado. *O primeiro encontro é o momento marcante.* Seja na rua, seja num centro comunitário, está posto o desafio de fazer do primeiro encontro algo forte. Educadoras e educadores estarão atentos a este momento privilegiado e nem sempre fácil, guardando na memória este acontecimento mágico que poderá ser ponto de partida para o desenrolar de vivências educativas originais. A ternura e o vigor do primeiro encontro serão permeados de consciência de que aquela menina, este menino, filhos prediletos de Deus, não estão aí por acaso, mas para compartilhar um intenso momento de crescimento humano.

Metodologia Comunitária: Um Projeto de Educação Solidária

O caminho da ação pastoral inicia-se na relação educativa e vai em direção à construção solidária da comunidade humana. A aventura relacional insere educadores, educadoras, meninos e meninas num projeto que é comunitário. A comunidade é o espaço do reconhecimento do outro, é o ambiente onde as pessoas têm um valor, são reconhecidas, têm sua palavra, são chamadas pelo nome, constroem sua identidade humana e cultural e se abrem à solidariedade.

Esta aventura relacional inicia-se com a encarnação no dia da vida da criança, no seu contexto vital, na rua, no seu bairro, passa pela experiência fecunda do diálogo e amplia-se numa atitude de solidariedade cujo horizonte é a vida em comunhão dos seres humanos neste pequeno planeta, nossa casa comum.

Não há situação humana de sofrimento e injustiça que não desperte a comoção e a indignação dos educadores e educadoras da Pastoral do Menor. Não há lutas pela dignidade humana e conquistas coletivas dos fracos que não emocionem e empolguem, tornando-se boas notícias a serem saboreadas e distribuídas como aperiitivos de uma nova sociedade em gestação.

A grandeza da solidariedade começa por estabelecer as possibilidades de vivências comunitárias em pequenos grupos. A dimensão comunitária, que leva à partilha, à gratuidade, vencendo o egoísmo, a competição e a exclusão, requer atividades em pequenos grupos, onde todos os participantes possam ouvir, falar, discutir as propostas, apontar encaminhamentos, experimentar e avaliar. Jogos, atividades em grupo, evitando o trabalho só individual e competitivo, favorecem a fraternidade.

O educador, a educadora, no momento da avaliação que se segue às atividades, terão como objetivo destacar justamente os valores comunitários. O produto final, o resultado do trabalho são importantes, mas o acento principal estará no relacionamento, no companheirismo, na participação, levando assim o grupo a crescer na consciência comunitária.

A dimensão comunitária não se constrói, pois, apenas, com atividades festivas, promoções, passeios, jogos... Muitas atividades diversificadas podem ajudar, mas não garantem a qualidade do processo educativo. Elas são apenas instrumentos para algo mais importante. Será preciso que as ações tenham uma intencionalidade definitivamente comunitária e que a avaliação não seja pela divulgação em algum Meio de Comunicação, pelos prêmios recebidos, pela fama, mas pela contribuição com uma vivência humana amorosa e solidária, capaz de superar as dominações e exclusões.

Assim, o projeto educativo estimula a sensibilidade e respeito diante das dificuldades dos companheiros, a indignação e compromisso transformador diante das pequenas, das grandes e por vezes duradouras injustiças.

Uma dificuldade no falar, uma timidez, uma "bola fora" ao expressar opinião, um defeito físico e outras situações que podem tornar-se motivos de zombaria ou desclassificação, serão ocasião para reverter em solidariedade o que poderia virar exclusão.

O desvalor que atinge a auto-imagem e a auto-estima dos migrantes, de negros, de filhos de presos, de desempregados, de mulheres prostituídas, é outro desafio a ser enfrentado com perspicácia, consciência e persistência.

Educadores e educadoras se aprimorarão no conhecimento das grandes questões humanas e na arte de atuar na trama do cotidiano construindo comunidade em liberdade solidária. Uma grande tarefa neste caminho é reconstruir as relações que estão quebradas entre os seres humanos. Há quem opte por afastar os dramas humanos como problemas que atrapalham a formação da comunidade. Para um projeto fecundo é preciso incorporá-los e fazer dos desafios humanos uma ocasião de amadurecimento comunitário.



A comunidade formada na vivência solidária, no apoio mútuo, na superação das discriminações internalizadas, terá uma consistência tal que será abatida com facilidade.

Educadores e educadoras, sensíveis à solidariedade e numa atitude ativa, ora serão propositivos e ora aproveitarão os fatos que acontecem ao redor. Assim, de um lado uma ação educativa que busque superar as dominações demanda a criação de momentos e processos educativos que vão desde jogos cooperativos até assembleias, debates, vídeos, grupo de teatro. Do outro lado, as opções de fundo de educadores e educadoras e seu jeito de viver solidariamente sem discriminações, pervadirão as relações com uma atitude ativa de permanente impacto no ambiente educativo.

Educadores e educadoras ampliarão os horizontes da dimensão comunitária, ultrapassando os limites do projeto educativo ou da comunidade local. É preciso partir da consciência de que todos somos construtores da comunidade humana que habita este pequeno planeta. Para isto a ação educativa ampliará as preocupações, sem descuidar do cotidiano, percebendo as conexões entre o que acontece no espaço pequeno e o que acontece em nível mundial.

As situações concretas de saúde, de escola, de moradia, de fome, de violações, serão vistas como um clamor à criatividade solidária. Há um número de ações possíveis em que os educadores e educadoras estarão presentes e por vezes junto com as meninas e meninos: apoio a catadores de papel do bairro, visita a mutirões de moradia, protesto contra o despejo, reivindicações de postos de saúde, de hospital, de escola, manifestações contra o desemprego, a violência, o descaso das autoridades. Há todo um espaço público de luta pelos direitos dos outros, que precisa ser ocupado por seu alto valor educativo.

Educadores e educadoras estarão atentos ao que acontece em Eldorado dos Carajás, no Carandiru, em Chiapas, na África do Sul, no Haiti, na Candelária, em Cabo Verde, no Timor Leste, na Nicarágua, nos assentamentos, nos mutirões de moradia, na Conferência das Mulheres em Beigin, no Habitat 2... Assim, crescerão na capacidade

de vivência solidária e compartilharão isto com meninas e meninos, superando o espírito de indiferença que permeia o ideário deste neoliberalismo individualista que se impõe no final de milênio.

Educadores e educadoras da Pastoral do Menor encontrarão tempo e sensibilidade para conhecer e acompanhar a Pastoral da Moradia, o Serviço de Pastoral dos Migrantes, a Pastoral Operária, o Serviço à Mulher Marginalizada, a Pastoral da Terra, a Associação Cristã de Doentes e Deficientes, os Agentes de Pastoral Negros, as Comunidades do Povo da Rua, as Comissões de Direitos Humanos, a Pastoral Carcerária... Ao fazer isto, através das cartilhas e folhetos das pastoras, através das revistas e jornais mais comprometidos, nos encontros, debates, assembleias, através de vídeos, de celebrações públicas ou conversas com amigos destas outras ações pastorais, ampliam-se os horizontes solidários do projeto educativo.

Os mártires desta caminhada serão conhecidos, celebrados e divulgados pelos educadores e educadoras da Pastoral do Menor. Permanecerão em viva memória os testemunhos de Santo Dias, Joilson de Jesus, Dom Oscar Romero, P. Josimo Tavares, Marçal Tupã I, P. Ezequiel Ramim, Irmã Adelaide Molinari, Chico Mendes, P. João Bosco Penido Boumier, Margarida Alves, Martin Luther King, Gandhi e tantos não nomeados que buscaram apressar o advento do Reino de Deus e deram a vida pela causa da justiça e de uma sociedade mais humana. Eles e elas não desaparecerão da memória deste país e sua luta por uma comunidade humana justa e fraterna permanecerá. Os projetos educativos solidários serão espaços em que as crianças aprenderão a amar os que viveram profeticamente e morreram numa aventura solidária, que lança um clamor que ninguém poderá calar.

Esta é uma forma de participar de uma comunidade humana e de contribuir com a qualidade das relações num mundo onde haja lugar para todos e não se aceite que as maiorias sejam sacrificadas, para que alguns tenham um altíssimo padrão de vida e ainda se legitimem propagando sua ignorância destruidora como ideal de humanidade.

A dimensão do companheirismo, da partilha, da solidariedade, presente na cultura do povo brasileiro, é que deverá ganhar relevância no projeto de sociedade que nos propomos a construir coletivamente.

Dimensão Crítica: por uma participação transformadora

O caminho escolhido por educadores e educadoras da Pastoral do Menor é o caminho dos profetas bíblicos. Sua sensibilidade e ação se movem a partir de um projeto de sociedade onde a vida seja garantida na sua concretude, onde as meninas e meninos tenham sua palavra, onde a comunidade seja ambiente de intensa vivência e crescimento, onde não haja destruição das relações humanas e do meio ambiente em nome do progresso.

O reconhecimento da dignidade de uma criança, a presença educativa no drama do seu ambiente de vida e morte, a aventura relacional, a construção da comunidade humana são caminhos que não se percorrem sem um permanente olhar crítico para o que está acontecendo. A introdução da criança como sujeito de direitos na sociedade carrega consigo a exigência de rever as leis e as estruturas sociais, políticas e econômicas. Ao afirmar a prioridade da criança, afirma-se também o caráter provisório e não-sagrado das instituições sociais.

A análise crítica que brota da prática educativa da Pastoral do Menor, não é uma produção teórica reservada a especialistas, mas é uma concreta e persistente busca de desvendamento e denúncia das mentiras de uma sociedade que mata seus filhos e apresenta-se como fonte de vida.

O projeto educativo torna-se uma crítica em ato de morte que se realiza em nome da vida. Quem assume a ação educativa com algu-



mas crianças empobrecidas, vê a partir delas a absurda situação em que se encontram as meninas e meninos do Brasil, do Terceiro Mundo. Assim, a ação educativa se confronta criticamente com o neoliberalismo político-econômico como também com as tramas dos pequenos poderes locais.

Educadoras e educadoras da Pastoral do Menor percebem e denunciam o nexo entre as decisões do FMI, do Banco Mundial e o sofrimento e morte de crianças na periferia, na zona rural ou nas ruas de nossas cidades. Dívida externa, submissão política às exigências da globalização da economia, amparo a elites financeiras com a riqueza da nação que deveria estar aplicada na saúde, na educação e na qualidade de vida do povo, têm repercussão no cotidiano das meninas e meninos.

O caminho do pensar e agir críticos se faz junto com a criança. Meninas e meninos recebem diariamente informações das mais diversas e uma doutrinação que de-forma pessoas individualistas, não solidárias, sem coragem de dedicar a vida por causas humanitárias, sem esperanças, domesticadas, sem indignação diante da injustiça, competitivas, exploradoras, gananciosas. É preciso trabalhar criticamente o impacto destas influências.

O ponto de partida para o trabalho educativo crítico com as meninas e meninos são as vivências das próprias crianças. O educador e a educadora saberão aproveitar os fatos cotidianos e criar situações em que seja necessário tomar posição, decisões pessoais e coletivas, vivenciando refletidamente os conflitos. Se isto for bem feito, a formação da consciência crítica contará com um exercício consistente.

A criança que se alimenta da partilha, do diálogo, da capacidade de criação, está aberta para olhar com mais atenção ao seu redor. A capacidade crítica se desenvolve no meio de atividades, de práticas sociais, onde as questões emergem e são analisadas junto com as meninas e meninos. É preciso perguntar sempre: quem? Que interesse tem? Que intenções estão escondidas? Quais as conseqüências dramáticas que os discursos bonitos querem esconder? Que idéias querem passar? A serviço de quem?

Analisar programas de TV, realizar tribunais éticos, desenhar, dramatizar a história de luta dos Direitos Humanos, pelos Direitos da Criança são ações que despertam o senso crítico e o sentido de luta e resistência. O ponto de partida é a realidade mais próxima, pessoal, familiar e amplia-se na direção da escola, do bairro, da cidade, até despertar uma consciência histórica.

Meninas e meninos crescerão na dimensão crítica quando a comunidade educativa estiver permeada por um olhar solidário, por uma presença nas lutas concretas e coletivas do povo, por uma conversa que mantém a indignação frente às injustiças e a vibração diante das conquistas dos pequenos. Sempre a partir do cotidiano, e numa dimensão lúdica, desperta-se uma consciência aberta à crítica e autocrítica e saboreia-se um crescimento onde a rebeldia não é domesticada mas canalizada de forma construtiva.

A partir da realidade local e da intervenção transformadora nas questões da escola, transporte, moradia, segurança, saúde, trabalho, a criança e o adolescente irão fazendo uma síntese pessoal e coletiva do que significa lutar organicamente por uma sociedade que supere as dominações enfrentando os conflitos. A consciência vai amadurecendo quando o brincar e o fazer puderem lançar luzes para mudanças necessárias e urgentes.

A preparação de acontecimentos importantes, de caminhadas, de encontros, bem como sua avaliação e a análise do que acontece no dia-a-dia do bairro, da cidade, do Brasil e do mundo vão ser preocupações constantes dos educadores e educadoras. O trabalho escravo dos carvoeiros de Minas Gerais, a resistência do povo de Timor Leste, o turismo sexual infantil no Nordeste, o tráfico de crianças da Guatemala para extração e comércio de órgãos humanos não podem ser um fato secundário no trabalho educativo, do mesmo modo que não se pode esquecer os velhinhos da vila que vivem carregando papelão nas suas carroças. Os fatos estão próximos das crianças quando educadores e educadoras os aproximam criativamente.

Metodologia Criativa: a arte de gerar vida

Quem sonha uma sociedade nova, sonha um mundo em que a vida é acolhida como portadora de novidade. Há um desabrochar criativo que vem de dentro da vida da criança e do interior da cultura brasileira, que não pode ser embotado. O amor, a afetividade criam espaço para que desabroche a esperança, para que haja a emergência da vitalidade da criança, para que haja revelação do seu crescimento.

A relação educativa personalizada e amorosa pode resgatar a dignidade dos pequenos violados em seu existir. A criança pode assim levantar a cabeça, olhar o mundo com outro ânimo, lutar por seus direitos. E aqui, a criatividade será o ambiente natural da ação educativa.

Criatividade não é só fazer coisas diferentes todos os dias. É um jeito de viver, de ver a realidade, de ser gente. Trata-se de uma gravidez: gerar a vontade de criar como expressão do amor, da esperança.

A criatividade se desenvolve se o educador e educadora abrem espaço para a criança participar, para a menina e menino se expressarem com espontaneidade. Será preciso respeitar os ritmos e originalidade de cada criança proporcionando uma diversidade de opções, de atividades.

No desenho, na dramatização, na redação, no artesanato, é importante que os pequenos expressem o seu mundo, a sua maneira de ver a realidade. Criar ambiente para que as crianças contem suas histórias, sonhos, fatos presenciados, é outra arte do educador e edu-

cadora. A valorização das histórias com propostas de desenho, música, dramatização e toda forma de arte faz as crianças crescerem a partir de dentro.

Na situação em que vivem as crianças, a criatividade se torna fundamental até mesmo para a sobrevivência. O educador e educadora valorizam as formas criativas de trabalho que os pequenos inventaram no bairro, nas feiras, nos faróis, nos cemitérios, no ferro-velho, no artesanato. Se é uma injustiça, a ser denunciada e transformada, estarem precocemente num trabalho por vezes muito pesado, de outro lado, o educador e educadora assumirão crítica e criativamente a provisoriedade desta realidade e revelarão seu amor neste cotidiano conflitivo.

Colocando em destaque, com vigor e empolgação, a existência da criança, esquecida por uma sociedade adulta e opressora, a ação educativa vai profeticamente forçando a transformação deste mundo de injustiça.

Um sabor da criatividade, uma sensação de novidade torna leve e prazerosa toda uma luta de resistência crítica à dominação, toda uma construção de novas relações entre as pessoas. Não se pode deixar de saborear as descobertas, e oferecê-las como aperitivos de uma sociedade que já está no desejo e na vivência de muita gente.